

Mercado Municipal de Évora



1 - INTRODUÇÃO

Segundo Maria Ângela Beirante os geógrafos definem a cidade como “*uma organização medianeira entre indivíduos e grupos locais, por um lado, e o meio exterior, por outro*”¹ mas pode dizer-se que durante a Idade Média o elemento mediador por excelência foi o mercado, ponto crucial de ligação entre a cidade e o campo.

Refere ainda a autora que a palavra mercado, enquanto intercâmbio comercial, em Évora, só a encontramos no foral de 1166, seguindo-se-lhe a carta de feira de 1275. O abastecimento diário era feito nos açougues, situando-se os açougues velhos junto à Igreja de S. Pedro que deviam ser de espaço exíguo, pois D. Dinis, em 1286, acedeu ao pedido do concelho e mandou construir outros junto ao Templo Romano. Talvez por falta de espaço só aí eram vendidos peixe e carne, todos os outros produtos se encontravam à venda na Praça da Porta de Alconchel (atual Praça do Geraldo).²

Até final da primeira década do século XX o crescimento da cidade de Évora circunscreveu-se praticamente ao interior das muralhas, começando a cidade a expandir-se extra muros a partir de 1911, fenómeno que se tornou mais ou menos intenso a partir dos anos 60-70 em diante.

Os espaços exteriores privados e as cercas dos conventos ocupavam vastas áreas do centro histórico e os eixos viários eram os mesmos de há séculos. Com a modernização rasgaram-se novos espaços públicos na cidade, surgiram novas sociabilidades e as igrejas e palácios deixaram de ser os centros da vida social.

Com a extinção das Ordens Religiosas os espaços pertencentes aos conventos foram aproveitados para instalação de serviços ou demolidos para dar lugar a praças e jardins criando-se novas centralidades que se contrapunham à Praça do Geraldo.

Os antigos Paços do Concelho na Praça do Geraldo (Fig. 1) e cadeia foram destruídos e ergueu-se o Banco de Portugal (Fig. 2).



Fig.1 - Paços do Concelho na Praça de Geraldo, 1898
Fonte: Arq. Fotográfico



Fig. 2 - Banco de Portugal, 1950-1969
Fonte: Arq. Fotográfico

¹ Beirante, Maria Ângela, p.625

² Idem., p.627

Fora da cerca surgiu a Avenida Barahona que liga a estação ferroviária e o rossio (Fig. 3).



Fig.3 - Rossio de S. Brás, século XIX
Fonte: Arq. Fotográfico

Com os novos espaços públicos, o jardim público torna-se o espaço social por excelência, símbolo da civilização burguesa oitocentista e lugar privilegiado de sociabilidade das classes ascendentes (Fig. 4).



Fig. 4 - Coreto do Jardim Público - 1887
Fonte: AMEVR/CME/M/A/05/PI003

2 - MERCADO 1º DE MAIO

O Mercado 1º de Maio, teve na sua génese um longo litígio (tumulto dos mercados), entre comerciantes da Praça do Geraldo e o município, devido ao facto de até meados de Março de 1863, o mercado semanal de hortaliças, legumes e frutas (terças feiras) se realizar na Praça do Geraldo (Fig.5).



Fig.5 - Século XIX - Mercado na Praça do Geraldo
Fonte: CME - Arquivo Centro Histórico - Mercado 1º de Maio - Proposta de Requalificação - 1997

A edilidade pretendia então melhorar o aspeto da praça, com um tabuleiro calçetado, pelo que estatuiu transferir o mercado para a Praça de Sertório (Fig. 6), denominada na altura de Praça do Peixe.

A ideia não agradou a muitos, pelo que os munícipes eborenses fizeram chegar à Câmara Municipal, no dia 8 de Agosto de 1864, um abaixo assinado em que o povo revelava o seu descontentamento com a posição tomada pela autarquia (fig.7).

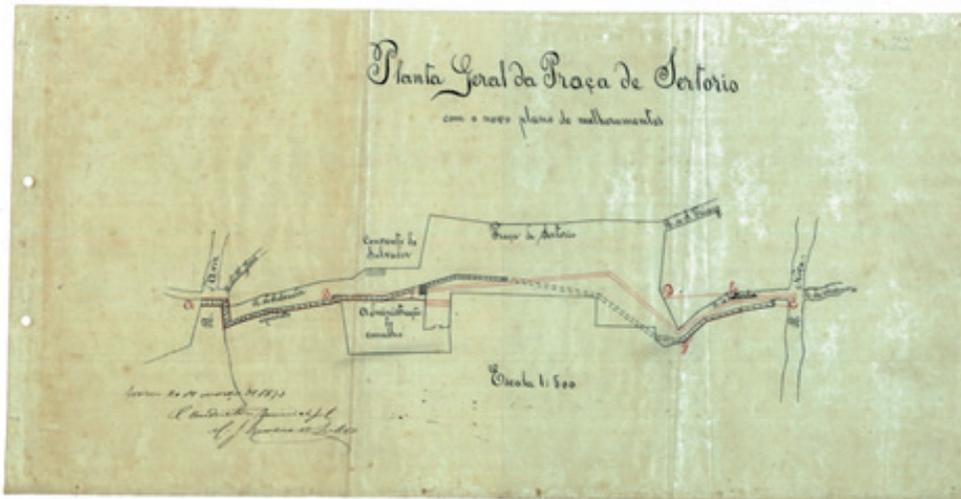


Fig. 6 – Planta da Praça do Sertório em 1893
Fonte: AMEVR/M/B/03/Pt.006

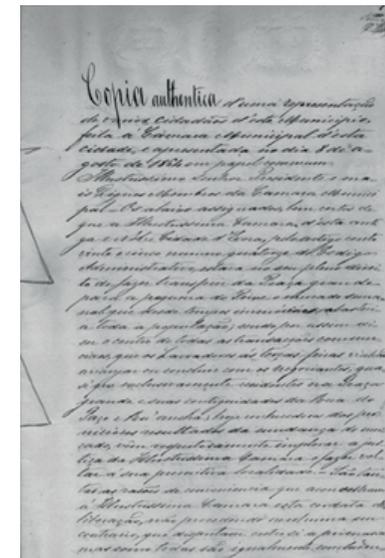


Fig.7- Abaixo assinado enviado à CME, datado de 8 de Agosto de 1864, revelando o descontentamento dos munícipes eborenses
Fonte: Arquivo Municipal de Évora

Após a secularização, em 1866, o Estado cedeu parte do Convento de S. Francisco à Câmara Municipal de Évora e a autarquia a 24 de Maio de 1869, (fig. 8) inicia a construção de um novo mercado sobre a cisterna do Convento. A fiscalização da obra ficou a cargo do Vereador Monteiro e a planta e direção dos trabalhos coube ao Engenheiro Câmara Manuel.

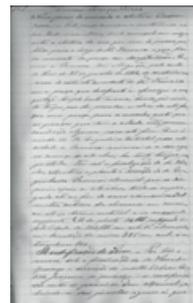


Fig. 8- Livro de correspondência de 1868-72, p. 69
Fonte: Arquivo Municipal Évora

Findo o litígio, em reunião de Câmara de 3 de Maio de 1878, eis que surge o projeto do Mercado de Évora (Fig. 11).

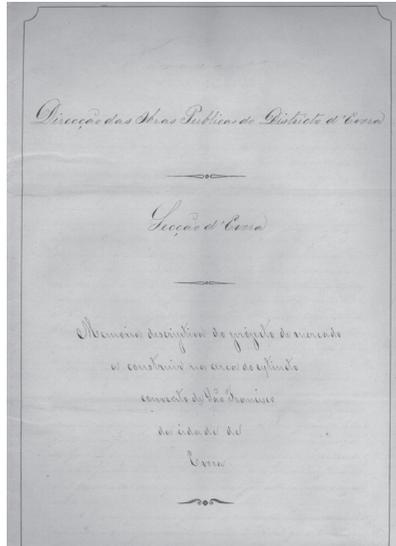


Fig. 11 -Folha de rosto da memória descritiva do projeto para Mercado no Largo de S. Francisco em 1878
Fonte: CME- Arquivo Municipal de Évora

O projeto em causa recorria, à semelhança dos mercados construídos noutras cidades portuguesas, ao ferro e vidro como elementos construtivos. A estrutura metálica encomendada à Companhia Perseverança, visava a funcionalidade do espaço. No entanto, ainda em 1882, encontramos documentação que refere a transferência a 13 de Fevereiro do Mercado do Peixe (Fig. 13), para um barracão junto às ruínas de S. Francisco, destinado à venda de peixe (Fig. 14).



Fig. 12 - Edital para concurso de fornecimento de materiais para a construção do Mercado Municipal - 1879
Fonte: Arquivo Municipal Évora

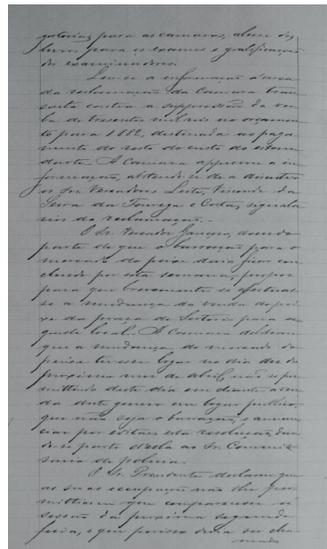


Fig. 13 - Ata de 27 de Março de 1882
Fonte: Arquivo Municipal de Évora



Fig. 14 - Palácio D. Manuel, depois de 1888
Fonte: CME - Arq. Fotográfico

Os grupos de ideias divergentes, não desistiram e continuaram a pressionar, como podemos inferir pelos abaixo assinados, datados de 24 de Dezembro de 1879 e de 10 de Maio de 1887, arquivados no Arquivo Municipal de Évora (Fig. 15).

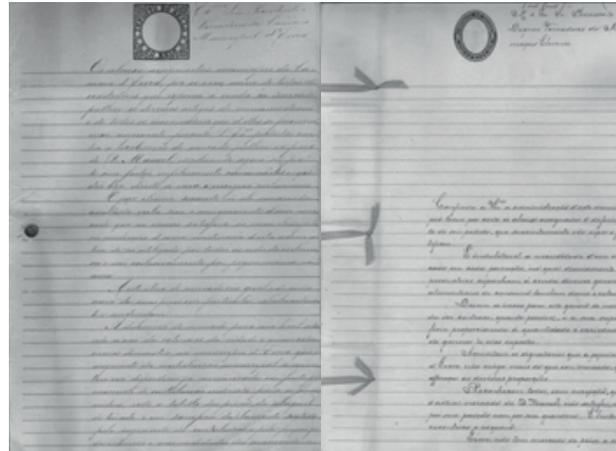


Fig. 15 -Abaixo assinado enviado à CME, datado de 24 de Dezembro de 1879 e de 10 de Maio de 1887, respetivamente
Fonte: Arquivo Municipal de Évora

O Mercado 1º de Maio vê o seu Regulamento aprovado em sessão de 8 de Julho de 1887.

Em 6 de Janeiro de 1903, surge um segundo projeto com cunho do Engenheiro Adriano da Silva Monteiro e do condutor de Obras Públicas, António Manuel Ribeiro



Fig. 16- Mercado Évora anos 20-30 do século XX
Fonte: CME - Arq. Fotográfico

Segundo documentação depositada em Arquivo³, em 1981 é elaborado projeto de beneficiação do Mercado que versava, segundo memória descritiva anexa, a pavimentação e execução de bancas permanentes no setor dos frescos, e em 1982 apresentou-se numa 2ª fase um projeto para intervenção na parte exterior⁴ (levantamento de asfalto, valetas, lancis, desmonte de sargetas, pavimentação, bancadas em mármore e pilares em granito).

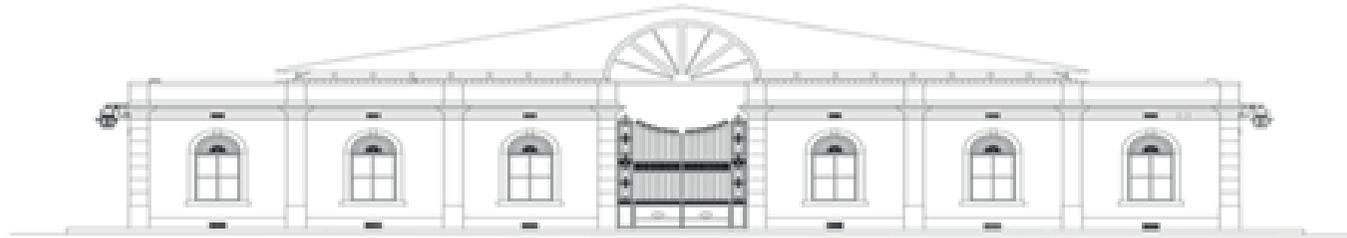


Fig. 17 - Planta do alçado anterior do Mercado
Fonte: CME- Arquivo Centro Histórico

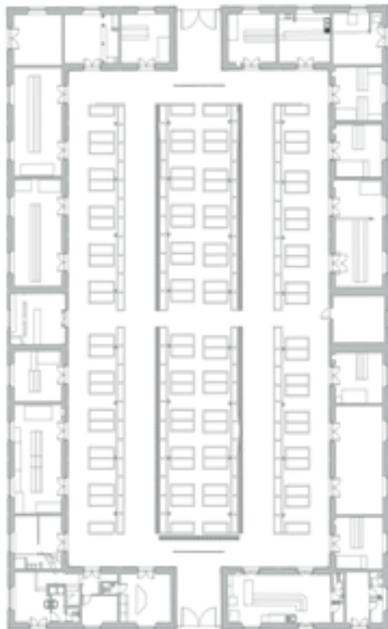


Fig. 18 - Planta interior do Mercado - antes da remodelação
Fonte: CME- Arquivo Centro Histórico



Fig. 19 - Alçado exterior direito do Mercado
Fonte: CME- Arquivo Centro Histórico

³ PT/AMEVR/CME/M/A/03/Pt.001

⁴ PT/AMEVR/CME/M/A/03/Pt.003

Em 1984 é apresentado pelo GAT, Gabinete de Apoio Técnico às Autarquias Locais, um projeto para o Mercado Exterior e Peixe, onde se propunha uma pequena intervenção, em que o espaço da Rua entre o Mercado 1º de Maio e o Quartel seria transformada em área de Mercado – AMEVR/Pt.3.

Projetado para uma cidade e uma população em lento desenvolvimento, o Mercado de Évora conseguiu sobreviver e desenvolver-se, apesar das aceleradas transformações da vida e do consumo urbano.

Albergando uma atividade comercial de contornos muito tradicionais, basicamente associada à venda de produtos hortícolas, frutícolas, peixe e carne, com uma atividade desenvolvida por pequenos e muito pequenos comerciantes começou a confrontar-se com graves problemas de sobrevivência.

Os abalos decorrentes da intensificação do processo da Reforma Agrária, com preços mais competitivos, e a instalação de espaços de venda de artesanato junto à muralha, fê-lo viver momentos altos e baixos.

O último e mais profundo golpe surgiu com a instalação na cidade de grandes superfícies comerciais com uma enorme diversidade de valências e preços muito competitivos.

Contudo, o Mercado continuou a funcionar diariamente, sem interrupções e com um caráter permanente de comércio. No entanto, havia que ver o mercado, não como imóvel que “atrapalha” o desenvolvimento da cidade, mas sim como espaço de expressão de autenticidade e de relações sociais. Fruto deste raciocínio o espaço foi alvo de intervenção.

Em 2000, enquanto a requalificação se processava, o Mercado de Évora, foi instalado provisoriamente nas instalações da ex-rodoviária, tendo todo o recinto recebido uma ornamentação agradável e atrativa com sinalética identificativa dos locais destinados às diversas funções comerciais.

3 - REQUALIFICAÇÃO DO MERCADO 1º DE MAIO



Fig. 20 - Mercado antes da requalificação

Sendo a zona do Mercado 1º de Maio zona de visita obrigatória para turistas, o Município pensou ganhá-la para peões, reconvertendo-a em termos funcionais, e adaptando-a, paulatinamente, a zona de serviços de apoio aos habitantes da cidade e aos turistas.

Havia então que dotar o Mercado de novas condições higiénicas, reorganizando os espaços e autonomizando as lojas.

Para melhorar a competitividade havia também que intervir em termos de espaço físico, pelo que se levou a cabo um projeto do Arquiteto Nuno Lopes (2005) cujo principal objetivo era a preservação da imagem do edifício e a defesa do forte carácter patrimonial arquitetónico. A intervenção no interior teve uma 'simplicidade formal' de modo a não causar 'ruído' e a não predominar sobre as características intrínsecas existentes.



Fig. 21- Planta do Mercado atual - interior
Fonte: CME- Arquivo Centro Histórico



Fig. 22 - Planta do alçado do mercado atual
Fonte: CME- Arquivo Centro Histórico

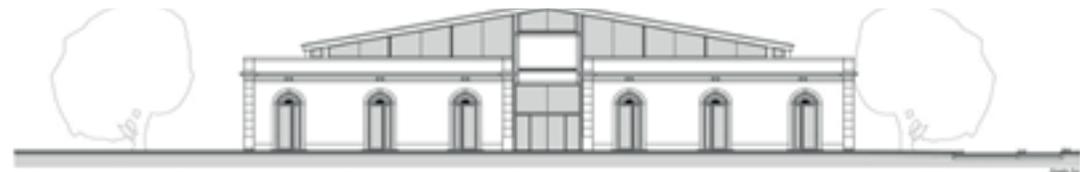


Fig.23 - Planta do alçado do mercado atual
Fonte: CME- Arquivo Centro Histórico

No projeto de 2005, procedeu-se à demolição das tradicionais bancas, transformação de duas lojas em sanitários, implementação de sistema de frio central na cave do mercado do peixe, criação na cave da loja de produtos regionais (vinhos), climatização, novos materiais de pavimento, balcões frigoríficos em todas as lojas, abertura das lojas para o exterior, criação de duas cafetarias com esplanada, criação de posto de atendimento e receção, alteração da cobertura e iluminação central, instalação de caixa multibanco e espaço para instalação da direção do mercado, no 1º andar.

Foram criados, no novo Mercado, um total de 56 espaços comerciais, sendo 42 no edifício principal e os restantes 14 no mercado do peixe, segundo a seguinte distribuição:

- Hortícolas e fruta
- Talhos
- Queijos
- Venda de Pão
- Mini-mercado
- Tabacaria
- Loja de promoção e artesanato alimentar
- Café/Tasca
- Cafés com esplanada
- Café/bolos tradicionais/farturas (c/ esplanada)
- Peixe (1 de congelados)



Fig. 24 – Imagem do rés do chão do atual espaço do Mercado

Fonte: www.google.pt/search?q=Mercado+évora+imagem&espv=2&tb-

[m=isch&imgil=QGP7ejASuAMyCM%253A%253Bllr1kUYs9kpQM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.cm-evora.pt%](http://m=isch&imgil=QGP7ejASuAMyCM%253A%253Bllr1kUYs9kpQM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.cm-evora.pt%25252F)



Fig. 25- Mercado do Peixe, pós intervenção

Fonte: Maria Rosário Martins

Após as alterações efetuadas, quer no mercado do peixe, quer no mercado das frutas e legumes, complementadas por um processo de gestão diferente, o mercado passou a praticar o horário do comércio definido por lei, dispondo assim de uma maior capacidade concorrencial e funcionando como elemento potenciador de animação de toda a zona envolvente.

Densamente visitado por turistas, este equipamento deve a sua relevância à reabilitação realizada.

4 - CONCLUSÃO

Tempo de grandes alterações a nível social, político e económico, o século XIX deixou marcas nas cidades. Foi neste século que surgiram as novas noções de bem-estar, lazer e saúde pública. Foi ainda nesta época que se planificou o espaço, requalificando-se e embelezando-se as cidades, implantando-se modernas infra-estruturas que proporcionassem novos padrões de higiene e bem-estar, como foi o caso do abastecimento de água, esgotos e espaços de lazer e de sociabilidade. Havia que conciliar a cidade histórica e a necessidade de garantir a qualidade de vida económica e social dos seus habitantes.

Évora não ficou alheia ao processo de modernização dos espaços urbanos pelo que a Câmara Municipal e a Direção Distrital de Obras Públicas, elaboraram projetos e responsabilizaram-se pela direção e fiscalização de obras, requisitando para o efeito engenheiros oriundos dos quadros do Ministério das Obras Públicas, como foi o caso de Adriano Monteiro.

A vontade de criar novos equipamentos urbanos aliou-se à necessidade de criar melhores condições de higiene pública na cidade, surgindo o Mercado como exemplo de intervenção autárquica no domínio da saúde pública, política emergente por toda a Europa.

O mercado de Évora, como todos os mercados públicos, é um espaço público cuja função é concentrar num espaço físico coberto, as atividades de comércio de alguns produtos específicos, e onde é possível interagir de maneira livre, porque é local acessível a toda população, seja local ou flutuante e independente de sua posição social

Atualmente cabe aos Mercados a capacidade de ser capaz de se renovar com facilidade, de forma a surpreender os seus visitantes, refrescar-se com relativa facilidade aos olhos dos seus clientes habituais e, sobretudo, dar respostas às novas tendências, que surgem cada vez com maior rapidez e duram cada vez menos tempo. (Mateus, 2011)

O Mercado Municipal eborense, deve a sua relevância à requalificação levada a cabo, e após mais de um século em atividade, transmite ainda uma imagem agradável e refrescante, continuando a valer a pena fazer compras ali porque tudo é mais fresco, mais barato e de melhor qualidade.



Fig. 26 – Mercado Municipal – Espaço interior

Fonte: www.google.pt/search?q=Mercado+évora+imagem&espv=2&tbn=isch&imgil=QGP7ejASuAMyCM%253A%253Bllr1kUYs9kpkQM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.cm-evora.p

Este argumento permite-lhe, com frequência, dar conta das vantagens oferecidas, sobretudo, àqueles que pretendem recuperar opções exequíveis para aquisição dos produtos indispensáveis ao seu consumo doméstico.

Sendo um exemplo em que se verifica que a estratégia de reabilitação, de um equipamento deste género é essencial para o sucesso da ‘ressurreição’ dos mercados, a intervenção levada a cabo não foi de ‘restauro integral’ mas sim de modernização e revitalização, de modo a realçar os ilustres sentidos dos seus visitantes.

O percurso histórico do Mercado de Évora revela-nos que este prestou e continua a prestar um papel de verdadeira referência urbana e de vitalidade na cidade, o que nos afirma a incontestável contribuição deste lugar através dos tempos.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEIRANTE, Maria Ângela (1988) – Évora na Idade Média. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de Doutoramento.

BILOU, Francisco (2014) – A Igreja de São Francisco e o Paço Real de Évora: A obra e Os Protagonistas 500 Anos Depois. Lisboa, Edições Colibri.

CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA (2006) - Évora Desaparecida-Fotografia e Património 1839-1919.Catálogo da exposição. P.72-75.

FERNANDES, Maria (2002). A Igreja e a Galeria das Damas. O que resta de um paço real... In Revista MONUMENTOS. Lisboa, Critério, Nº 17, Setembro.

GUIMARÃES, Paulo Eduardo (2006) – Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960):Um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo. Lisboa, Edições Colibri.

MATEUS, Aires (2011) - Remodelação Mercado da Ribeira :peças escritas. [S.l. : s.n.]

PEREIRA, Gabriel (1998) – Documentos Históricos da Cidade de Évora. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

PORUGAL, Filipe Alexandre (2015) - A revitalização dos mercados retalhistas: o Mercado de Alvalade Norte como proposta de intervenção. Lisboa, UNIVERSIDADE LUSÍADA, Faculdade de Arquitetura e Artes. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

QUINTAS, Armando (2007). Espaços de Sociabilidade e lazer em Évora (1890-1990) policopiado. Évora, Universidade de Évora.

VELASCO, Emília Maria (1998) - Mercado de Benfica. Lisboa, Edições C.M.L. – DMAC